

humanitas

Vol. XIX Ž J

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HVMANITAS

VOLS. XIX E XX



COIMBRA
MCMLXVII-LXVIII

G. M. SIFAKIS — *Studies in the History of Hellenistic Drama*. University of London, The Athlone Press, 1967, XV + 200 pp.

O florescimento admirável do drama clássico ateniense, atraindo desde sempre a atenção dos estudiosos da literatura grega, deixou na obscuridade o teatro da época helenística. Ora se na transmissão dos textos dos grandes trágicos do séc. v e dos grandes comediógrafos dos sécs. v e iv se verifica a lamentável redução a poucas obras, reputadas mais significativas por alguns críticos da Antiguidade, é compreensível que o teatro helenístico se encontre actualmente documentado apenas por escassos fragmentos, vários títulos de obras e muitos nomes de autores. A desbravar campo tão difícil se destina a obra de Sifakis, redigida ao longo de vários anos de estadia na Universidade de Londres.

Impedido de analisar as obras representadas, hoje perdidas, o A. procura, à custa duma análise minuciosa de dados predominantemente epigráficos, colhidos em Delos e Delfos, tirar algumas conclusões válidas sobre a evolução do teatro grego depois do desaparecimento dos grandes dramaturgos dos séculos v e iv. Assim pode afirmar, com relativa segurança, a partir por ex. de títulos de obras como *Bacantes* de Cleofonte e *Cípiros* de Dicaíógenes, que o coro na tragédia mantém a sua importância muito para além da época clássica da tragédia. E as suas observações, feitas no apêndice 1.º intitulado *Palco elevado e coro no teatro helenístico*, a propósito da distinta evolução do coro na tragédia e na comédia, são sugestivas e sempre bem fundamentadas. Oportuna a valorização neste contexto do passo do autor dos *Problemas* (*Probl. Aristot.*, XIX, 48) em que se afirma que, na nova tragédia, o coro é apenas «um espectador inactivo dos acontecimentos». Estamos longe do tempo em que, segundo o famoso testemunho de Aristóteles na *Poética*, o coro era um dos actores da tragédia. Esta evolução do papel do coro na economia dramática é inteligentemente relacionada por Sifakis com a questão do palco elevado na época helenística. Na separação entre *λογεῖον* e orquestra vê muito bem o A. a solução para as mudanças de cena, frequentes no teatro do tempo, sem a incómoda imposição da correspondente *μετάσταςις* do coro. Chegamos assim à visão nova de um teatro realizado essencialmente no palco, com uma intriga desenvolvida por actores, acompanhados noutro plano por um coro cuja actuação carece agora de eficiência dramática.

Saliente-se, como particularmente significativo, o empenho do A. em valorizar o teatro grego helenístico, independentemente das suas ligações com o teatro latino. Valioso o aproveitamento das inovações técnicas e externas para a compreensão de aspectos fundamentais da substância do drama. A subtilidade revelada na utilização de provas lacunosas, aparentemente destituídas de significado, torna agradável a leitura duma obra, em muitos aspectos apenas acessível a especialistas.

M. OLIVEIRA PULQUÉRIO
(Bolsheiro do I.A.C.)

THUCYDIDE — *La guerre du Péloponnèse: Périclès (II, 1 à 65)*. Édition, introduction et commentaire de RAYMOND WEIL. «Érasme», Presses Universitaires de France, 1965, 105 pp.

Este pequeno volume é uma edição escolar que procura resolver as principais dificuldades de interpretação dum texto, escrito por um autor tradicionalmente temido pelos estudantes. Os primeiros 65 capítulos do Livro II de Tucídides são objecto de uma análise minuciosa, traduzida em notas equilibradas de exegese gramatical e estilística. Um breve aparato crítico destina-se ao esclarecimento de passos controversos da tradição manuscrita.

A *Introdução* ao texto é uma síntese feliz do que actualmente pensam os especialistas de Tucídides em relação aos problemas fundamentais levantados pela obra deste autor. De interesse especial as observações de R. Weil sobre a complexa questão da unidade da obra. Assim, a pág. 5, considera o A. a hipótese verosímil da fusão de redacções sucessivas tal como ela se reflecte nos 65 capítulos analisados nesta edição. Saliente-se a conclusão correcta de que, para além da existência discutível de elementos cronologicamente diversos, se mantém a unidade de concepção nos capítulos referidos.

Esta mesma unidade permanece dentro dos quadros temporais criados laboriosamente por Tucídides para delimitar os factos que narra com uma exactidão superior ao cômputo tradicional. A preocupação do rigor cronológico é, efectivamente, um aspecto saliente do método histórico de Tucídides.

Neste contexto da unidade da obra histórica de Tucídides se situam as observações judiciosas, feitas pelo A. na pág. 11, sobre a forma do Livro II: aqui se encontra sumariamente caracterizado o modo artístico de integração no tecido geral da narrativa da descrição da invasão de Plateias e da peste de Atenas. Objectividade patética (p. 12) é uma definição adequada do tom destas páginas insuperáveis em que a riqueza dos pormenores significativos é equilibrada pela extrema finura da análise psicológica. Cabe, no entanto, fazer aqui um reparo a uma observação de R. Weil. A sua afirmação, a propósito das reacções dos homens à peste, de que «Tucídides sugere que se trata duma fatalidade comparável à dos Trágicos» estabelece a confusão num domínio importante da interpretação de Tucídides: é, pelo contrário, evidente o esforço do A. em limitar a sua história ao plano humano, com exclusão quase absoluta dos elementos sobrenaturais. Quando estes ocorrem, são utilizados apenas como factores dinâmicos da psicologia dos homens que, na concepção antropológica da história em Tucídides, são os modeladores essenciais dos sucessos históricos.

As observações sobre o estilo a págs. 13 e segs. caracterizam sumariamente uma expressão artística original que já os antigos consideravam densa e obscura. Sublinhe-se a reflexão importante, feita na p. 14, de que também o estilo contribui para a unidade da obra.

Não se dedica, porém, R. Weil apenas a exaltar os méritos do pensamento e do estilo de Tucídides. O equilíbrio da *Introdução* patenteia-se nas págs. 14-5 em que, com ponderação, se assinalam lacunas ou fraquezas no método do grande

historiador. Tais limitações, frequentemente de carácter discutível, como o reconhece honestamente R. Weil, não prejudicam em nada a conclusão, tirada a págs. 16, de que se deve a Tucídides a extraordinária criação da «história filosófica e sistemática».

Um breve capítulo sobre a transmissão do texto de Tucídides e uma bibliografia criteriosa e actualizada rematam a *Introdução* deste volume, sem dúvida de grande utilidade para o público de estudantes a que se destina.

M. O. P.

LYSIAS — Quatre Discours: Sur le meurtre d'Ératosthène; Epitaphios; Contre Érastosthène; Pour l'invalidé. Édition, introduction et commentaire de MARCEL BIZOS. «Érasme», Presses Universitaires de France, 1967, 144 pp.

Este volume da colecção «Érasme» é dedicado à apresentação de Lísias, o maior dos logógrafos gregos, aqui representado por 4 dos seus mais conhecidos discursos. Uma introdução geral ajuda o leitor a situar-se no ambiente em que viveu o grande orador, ao mesmo tempo que o familiariza com algumas das questões mais importantes que a obra de Lísias suscita. Louve-se, em primeiro lugar, o rigor demonstrado no apuramento dos dados biográficos. A análise das razões que podem estar na base da emigração de Lísias para Túrios constitui um ponto interessante da biografia do orador, tratado nesta *Introdução*. O problema da relação entre uma primeira fase de carácter sofisticado e a futura actividade de logógrafo, tocado ligeiramente a págs. 7, não fica devidamente equacionado. Mais prudente e correcta a posição daqueles que, em vez de épocas separadas na criação literária de Lísias, admitem uma dualidade de posições que frequentemente se conjugam ao longo da carreira do autor.

Na caracterização de Lísias como grande escritor, com justo relevo dado à *ἠθοποιία* (pp. 10-11), assinala-se a falta de qualquer referência à problemática moral que esta maravilhosa adequação às circunstâncias de cada caso implica. As frequentes contradições no plano político, que é possível assinalar quando se abarca a totalidade da produção conservada de Lísias, são uma dificuldade que se põe naturalmente a qualquer intérprete desta obra. Trata-se de um aspecto importante da personalidade do autor que esta introdução não chega sequer a considerar.

Depois de uma rápida alusão à história do texto e de uma breve indicação bibliográfica vêm os discursos que integram este volume, acompanhados de notas abundantes de carácter histórico, gramatical e estilístico. Das notícias que precedem os discursos saliente-se o interesse da introdução ao *Epitáfio*. Aqui Bizos não se limita ao resumo comentado do texto, mas historia os momentos fundamentais da cerimónia que lhe deu origem. Como era inevitável, discute, a págs. 42-3, o problema complicado da autenticidade da obra. Tem razão o A. ao pôr em causa o argumento do estilo, invocado por Blass para negar a Lísias a autoria do *Epitáfio*: a natu-

reza do tema podia ter levado Lísias a escrever num estilo diferente do habitual. A posição de Bizos neste problema identifica-se, portanto, com a tendência moderna para atribuir a Lísias a autoria deste discurso.

M. O. P.

CICÉRON — Orationes in Catilinam (Catilinaires). Édition, introduction et commentaire de AUGUSTE HAURY. «Érasme», Presses Universitaires de France, 1969, 198 pp.

Na sua introdução às *Catilinárias* começa A. Haury por salientar a dificuldade em apreciar devidamente a actuação de Cícero no complicado processo que é a conjuração de Catilina. Ao longo de páginas sugestivas de análise do ambiente político em que estes discursos se forjaram e viram a luz realiza o A. a discussão do problema essencial que consiste em saber se há fundamentos reais para a tendência actual de minimizar a figura de Cícero no quadro dos graves acontecimentos do ano 63 a.C.. Desta análise resulta uma espécie de reabilitação do grande orador, cuja glória, assente numa atitude de exemplar moderação, ressalta com toda a evidência no final da *Introdução*. Mas não é apenas a personalidade de Cícero que sai esclarecida destas curiosas páginas de história: a intervenção de Crasso e César no desenrolar dos sucessos que levam à conjuração e morte de Catilina é aqui objecto de exame agudo e desapaixonado. O jogo duplo a que se entregam Crasso e César, com a habilidade exímia de políticos natos, serve afinal para fazer avultar o tacto político de Cícero e principalmente a humanidade com que ele defronta uma situação propícia às maiores violências. Particularmente interessante é o desenho da figura de Catilina, que nos aparece como uma personagem extremamente real, definida pelos eternos contrastes entre as promessas e as intenções, a pretensão da defesa desinteressada das classes oprimidas e a realidade profunda da ambição de poder pessoal.

Deste modo fornece a *Introdução* um resumo claro dos acontecimentos que explicam as 4 orações contra Catilina, ao mesmo tempo que caracteriza a personalidade política e humana do orador. A síntese oferecida é completada pela extensa e bem elaborada bibliografia que inclui a análise de «alguns problemas». Entre estes avulta o da autenticidade da 4.^a Catilinária. Tece aqui o A. breves considerações sobre a unidade da colectânea, em que a 4.^a Catilinária corresponde à 1.^a, pronunciando-se a favor da ideia de autenticidade, de acordo com a tendência dos modernos investigadores. A hipótese de uma redacção definitiva do discurso em 60 a.C. é aqui apenas aflorada, pelo que não trata o A. da questão complicada das diferenças entre os discursos realmente proferidos e os discursos publicados em 60 a.C.. A situação política nesta data era evidentemente diferente daquela em que os discursos foram pronunciados e essa diferença imprimiu certamente carácter aos discursos. E não se trata aqui apenas do arranjo artístico do pormenor do estilo mas de uma ocasional refundição dos textos de acordo com as novas conveniências do orador.